

Algumas Considerações Sobre o Pensamento de António José Saraiva

Cecília Barreira- CHAM-FCSH/NOVA-UAç

“O amor humano e o amor divino confundem se, o que pode ser interpretado como uma sacralização do amor humano ou uma mundanização do amor divino, ou talvez antes como uma impossibilidade de distinguir os dois planos”

António José Saraiva, *A Cultura em Portugal*, Bertrand, 1981, p. 207.

Nascido em Leiria a 31 de Dezembro de 1917, António José Saraiva é filho de uma família numerosa. O pai tirara o curso de História e era professor de liceu.

Tal como nos refere Tiago Rego Ramalho em *Alienação e Pensamento Político em António José Saraiva* (FCSH, 2015), o carácter de António José Saraiva era determinado e rigoroso.

Durante a faculdade trava conhecimento com Óscar Lopes(mais ou menos 1938) com o qual, a partir de 1953, inicia a notável História da Literatura Portuguesa.

Em 1942 conclui o doutoramento em Filologia Românica na Universidade de Lisboa com a tese “Gil Vicente e o Fim do Teatro Medieval”. Envolve se numa luta contra o regime salazarista, tendo militado no Partido Comunista Português. Por causa do seu posicionamento político foi expulso do ensino universitário e , para sobreviver, foi dar aulas em vários liceus.

Consta que foi expulso do ensino universitário por rebeldia e lecionou no liceu Passos Manuel onde o pai era reitor. Em 1949 é demitido por apoiar a candidatura do General Norton de Matos e por pertencer ao Partido Comunista Português.

Em 1960 emigra para França onde fica como bolseiro do Collège de France e em 1961 integra o Centre National de Recherche Scientifique de Paris.

Saraiva discerne sobre a sua vida nos inícios dos anos 60 em Paris como uma maneira de combater a ditadura salazarista. Mas o ensaísta criticava abertamente os franceses que apelidava de burgueses. Rapidamente influenciado por Marcuse afirma que os estudantes do Maio 68 são burgueses e irresponsáveis e inicia uma demarcação do comunismo.

De Paris partira para a Holanda com o cargo de professor catedrático na Universidade de Amsterdão. A partir de 1974, com a Revolução de Abril, é convidado para catedrático da Universidade de Lisboa.

Morre em Lisboa a 17 de Março de 1993, com 76 anos.

Na obra *A Cultura em Portugal-Teoria e História* (1981), Saraiva analisa a saudade portuguesa, o “complexo de ilhéu” e o posicionamento do País entre Espanha e o oceano.

Em 1980 publica *Filhos de Saturno, Escritos sobre o Tempo que Passa* e refere no prólogo: “ Cada homem é um deus aprisionado num corpo. Ou por outras palavras: é um ser transcendental limitado e condicionado pelo mundo fenomenológico. Há uma intuição profunda no mito cristão da encarnação. Os teóricos discutem: como pode Deus padecer e morrer? Pois é esse o problema do Homem, que assiste à sua limitação, à sua mudança e à sua morte. É como ser transcendental que o Homem aspira a abolir o tempo por meio de filosofias, de religiões e da própria Ciência, a qual se pretende verdadeira, independentemente do espaço e do tempo(...) (Filhos de Saturno, Escritos sobre o Tempo que Passa, Bertrand, 1980 p. 11).

Apesar de ter sido aderente às ideias comunistas na juventude, em 1980 demarca se:

“ São as revoltas da Hungria, a revolta dos operários alemães em 56, as revoltas da Polónia, e para cúmulo o conflito entre a Rússia socialista e a China socialista. Verificou se, contra a ideia do internacionalismo operário, que cada vez que se instalava um governo comunista nascia uma divergência com o governo soviético, a não ser que este, por via da vizinhança, pudesse dominar militarmente o novo adepto do bloco, ou então torna lo dependente por via da dominação económica, como foi o caso de Cuba” (*Filhos de Saturno*, idem, p. 202).

Em 1981, na obra de referência *A Cultura em Portugal*, referencia que iniciou um percurso desde 1951 sobre a história da cultura e que os métodos estatísticos próprios da história económica nada têm a ver com os “movimentos espirituais”:

“ O historiador da civilização, permita se a comparação, faz a história dos instrumentos; o historiador da cultura, a história das criações musicais “ (*A Cultura em Portugal*, Bertrand, 1981, p. 8).

Nessa obra tornou se interessante o capítulo sobre a “personalidade cultural portuguesa” que entronca com a obra “O Labirinto da Saudade” de Eduardo Lourenço.

Porque nos parece particularmente relevante as teorias trabalhadas nessa obra, lembro o “complexo de ilhéu” no qual o Português mitifica tudo o que é estrangeiro e a “oscilação pendular” entre o “orgulhosamente sós” e a “Europa conosco”.

Outro aspeto é o “messianismo”, “filosofia de exilados e de infelizes”, desde Camões até ao 25 de Abril de 1974.

A “saudade” é presença obsessiva na literatura portuguesa e intraduzível em outras línguas. A saudade é por um lado uma “dor da ausência” e um “comprazimento da presença pela memória”. O amor português seria todo ele baseado nesta ausência e distância do ser amado. Também o amor seria um tema obsessivo na literatura portuguesa desde Bernardim Ribeiro, a Camões, Bocage, Garrett, Camilo.

Também o culto da dor. De “ser triste”. O Fado a canção dessa tristeza. A auto ironia. Eça de Queiroz seria o expoente máximo da ironia.

Outro aspeto luso é o “culto da Virgem” que o autor considera de índole psicanalista. Fátima é não só um lugar de peregrinação como o êxtase de Maria. Também o culto dos mortos. Embora Saraiva explicita que é em Espanha que se encontram os místicos, desde Santa Teresa de Ávila, a Juan de la Cruz.

O misticismo espanhol seria mais confrontado com Deus e o português precisa da mediação de santos, santas e de Maria.

Na Arte Saraiva reconhece que em Portugal escasseia o gótico, e o manuelino é a “negação” do fogo.

O que não temos de filósofos, temos de historiadores. Desde Fernão Lopes, a Oliveira Martins, e tantos outros: o culto do passado tem a ver com uma procura de uma idade de ouro.

Inspirando se em Unamuno, Saraiva refere que a filosofia é para ser encontrada nos poetas e no lirismo português. O autor considerava que os portugueses tinham uma “indiferença filosófica”.

No plano amoroso, os portugueses sempre se miscigenaram com as nativas dos povos que iam conhecendo e explorando: Índia, Brasil, Cabo Verde, África.

“ A brandura dos costumes” e o aldeanismo constituem outros aspetos de uma personalidade portuguesa, desde o século XV. Portugal seria mais uma “mátria” do que uma “pátria” (palavras inventadas pelo Padre António Vieira, diz o autor):

“ Os Portugueses comportam se como um povo que teve mãe, mas é órfão de pai, o que historicamente até se poderia explicar de uma maneira positivista pela emigração massiva dos chefes de família durante a maior parte do tempo da nossa história. E esta explicação poderia ter desenvolvimentos psicanalíticos (António Jose Saraiva, A Cultura em Portugal, Bertrand, 1981, p.112).

Já em Maio e a Civilização Burguesa de 1970 expunha ideias muito próprias sobre a civilização ocidental:

“Há hoje no mundo uma cultura que não seja burguesa? Há, mas unicamente fora dos países industrialmente avançados. É a antiquíssima cultura camponesa que desapareceu inteiramente na Norte-América e quase inteiramente na Europa e no Japão, mas que conserva a sua vitalidade na Sul-América e em quase toda a Ásia. De tal modo que o mundo se pode dividir hoje em duas civilizações: a burguesa e a camponesa. A civilização camponesa é atualmente o único foco de resistência ao aburguesamento geral do mundo” (António José Saraiva, Maio e a Crise da Civilização Burguesa, Gradiva, 2005, p. 28).

E acerca das mentalidades:

“ E também (há) cada vez mais psiquiatras para “normalizar” os homens rebeldes à norma uniforme. Estes homens, cada vez mais padronizados, fazem cada vez mais o que os economistas (...), os psicólogos, os especialistas de marketing, esperam que eles façam. (...) Será que finalmente a subjetividade foi abolida pelo conhecimento? Não, o que se passou foi outra coisa.(...) Até o amor se faz segundo o que vem escrito nos livros, “cientificamente”. (...) a psiquiatria não existe senão para obrigar o sujeito rebelde a conformar se com a sua imagem 2objetiva”. “ (António José Saraiva, Maio e a Crise da Civilização Burguesa, idem, pp.32-33.)”

Na mesma obra refere: “ Quase toda a gente à minha volta precisa de uma revolução cultural, sobretudo os que armam em mestres (incluindo eu próprio). A violência é ainda um produto da sociedade tradicional. Os não-violentos talvez não tenham razão agora, mas são precursores. E também há que acabar com o fanatismo, irmão da hipocrisia, que é a mais hermética e inquebrantável carapaça em que podemos mumificar a alma”(António José Saraiva, Maio e a Crise da Civilização Burguesa, idem, p. 69).

Apresenta o conceito de “minoría atuante” com o qual pretende observar os grupos de elite que se encontram na política.

António José Saraiva, Historiador de Cultura, é um nome incontornável do século XX português. Além da colaboração intensa na famosa História da Literatura Portuguesa (Porto editora, 1955), juntamente com Óscar Lopes, é um estudioso da “personalidade” específica da cultura lusa , ao mesmo tempo que vai observando a Europa e Espanha. Vê aí a “insularidade”, o “complexo de ilhéu”, a “saudade”, a espiritualidade, o conceito de Matria, o “aldeanismo”.Saraiva foi um escultor dos conceitos sobre cultura em Portugal, trabalhando desde Gil Vicente, até à Geração de 70, passando pelo episódio épico de Maio 68 em Paris, ou às reflexões sobre o 25 de Abril em Portugal.

A ideia de Cultura de António José Saraiva é quase profética e messiânica.

Aliás o grande ensaísta no célebre O Labirinto da Saudade de 1978 aproxima se das ideias de Saraiva.

Para já a nossa historiografia é de “um irrealismo prodigioso”. Anuncia a possibilidade de psicanalisar Portugal:

“A mistura fascinante de fanfarronice e humildade, de imprevidência moura e confiança sebastianista, de “inconsciência alegre “e negro presságio que constitui o fundo do carácter português, está ligada a esse acto sem história que é para tudo quanto nasce o tempo do seu nascimento” (p.21).

Vemos em Eduardo loureço, pelo menos nesses anos 70, com um misticismo comparável ao de Saraiva.

Na obra A Cultura em Portugal de Saraiva verificamos como a visão globalizante doensáista o conduz a três grandes épocas. A dos cavaleiros, a dos clérigos e a dos mercadores.

Bibliografia

Calafate, P. (2006). *Portugal como problema – Século XX: Os dramas de alternativa*. Lisboa : Fundação Luso-Americana.

Saraiva, A. J. (1972). *Para a história da cultura em Portugal*. Lisboa : Europa-América.

Saraiva, A. J. (1994). *A Cultura em Portugal – Teoria e História*. Lisboa: Gradiva.

Saraiva, A. J. (1942). *Gil Vicente e o Fim do Teatro Medieval*. Lisboa.

Saraiva, A. J. (1956). *O Humanismo em Portugal*. Lisboa: Europa-América.

Saraiva, A. J. (1969). *Inquisição e Cristãos-Novos*. Lisboa : Estampa.

Saraiva, A. J. (1970). *Maio e a Crise da Civilização Burguesa*. Lisboa: Europa-América.

Saraiva, A. J. (1977). *Herculano e o Liberalismo em Portugal*. Amadora : Bertrand.

Saraiva, A. J. (1979). *A Épica Medieval Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa.

Saraiva, A. J. (1990). *A Tertúlia Ocidental*. Lisboa: Gradiva.

Saraiva, A. J. (1990). *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal*. Lisboa: Gradiva.

Saraiva, A. J. (1996). *O discurso Engenhoso*. Lisboa: Gradiva.

Lopes, O. & Saraiva, A. J. (2001) *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora(1955).